

INSPIRAÇÃO FRANCISCANA PARA A EDUCAÇÃO

*Alberto da Silva Moreira**

Comenius dizia em meados do século 17 que é uma coisa sumamente perigosa não educar bem.¹ Educar bem para ele significava pelo menos fazer a alma social não ocupar-se de coisas vãs. Parece que estamos precisamente no auge de uma época de coisas vãs, de vanidade, seja no sentido de vazio e vaidade, seja no sentido de vão, brecha, tempo de indefinição. É neste contexto maior que lançamos uma indagação interessada à herança franciscana, como uma experiência que não apenas povoou o passado e pertence aos museus da história, mas como uma provocação que incomoda nosso presente de educadores, que nos interpela no cotidiano desta universidade.

Como primeiro passo, parece ser de todo útil delinear os horizontes deste presente, vivido por nós com uma indisfarçável sensação de mal-estar. Talvez em assim fazendo poderemos, num segundo momento, ressaltar melhor a imensa distância, não apenas temporal, mas de modo-de-ser, que nos separa de (ou nos atrai para) Francisco de Assis.

* Teólogo, professor-pesquisador do Instituto Franciscano de Antropologia e da Faculdade de Economia e Administração da Universidade São Francisco, de Bragança Paulista (SP).

¹ Apud Fabiano, L. H. "Indústria Cultural e Educação Estética: Reeducar os sentidos e o gesto histórico", in: Zuin, A. A. S. (org) *A Educação Danificada. Contribuições à teoria crítica da Educação*. Petrópolis: Vozes: 159-180, p. 159. Inspiro-me aqui em diversos textos que compõem este volume.

Conforme dizia Max Weber, a civilização industrial é parte constitutiva da modernidade. Mas o desenvolvimento industrial acabou por industrializar também as mentes e os corações, introduzindo fundo na cultura e na educação os seus princípios e ideais. A cultura que viceja entre nós é fruto do pragmatismo produtivista, no qual a *utilidade* se impõe como a intenção primeira das aspirações e ações humanas. Tudo se mede pela possível *utilidade*, ou seja, pelo uso e aproveitamento (no sentido da racionalidade do sistema) que as coisas possam ter. Inclui-se a Educação.

O processo de industrialização do mundo avançou de par com o processo de estandarização das mentes, através do estabelecimento de uma indústria de bens culturais para o consumo das massas, e através da cooptação da escola para o modelo industrial de sociedade. A escola deve produzir em escala industrial profissionais diligentes, que se integrem ao sistema, o aperfeiçoem e se aproveitem das chances que ele oferece. Mas que fundamentalmente não o coloquem em questão. Mesmo o caos e a desordem social mostrados dia-a-dia nos jornais chegaram ao ponto de serem considerados algo *natural* (não-histórico), um destino inevitável, pois não se acredita que seria possível ser diferente.² A estandarização das expectativas permeia também a Educação. A cultura acadêmica pragmática tem muitos nomes, o mais em voga é “educar para o mercado”. Esta espada, o controle pelo mercado, balança tanto sobre nossas cabeças de universidade privada (não podemos sucumbir no mercado), como sobre as universidades públicas. Todas temos que “educar para o mercado”, e aí de quem não assume a *utilidade, a produtividade mercadológica* como (único) critério da educação desejada. Vozes dissonantes ou altruístas passam a ser classificadas de “alienadas”, “sem os pés no chão”, “utópicas”.

Segundo a Teoria Crítica, sobretudo Adorno, Horkheimer e Marcuse, o processo cultural massificado acaba por impedir nossa tomada de consciência. O mundo aparece à consciência massificada na sua superfície, escondendo a origem e a historicidade daquilo que é tido como realidade. Uma vez que não controla, não influencia e aparentemente não pode “mudar o mundo”, a consciência massificada se contenta em cuidar apenas do “seu mundo”, empresa e família, aferrando-se cada vez mais ao individualismo. Na época da sociedade dos fluxos³, dos câmbios e incertezas, o indivíduo procura assegurar-se a si mesmo e a seus interesses por todos os meios

² Cf. Fabiano, L.H., *op.cit.* p. 165.

³ CASTELLS, M. “Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional”, in: Castells, M. *et al. Novas perspectivas críticas em Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 3-32. Castells, M. *La era de la información. Vol 1: La sociedad red*. Madrid: Alianza Editorial, 1998, cap. 6.

possíveis. Por isso o elevado axioma que rege a ética desta civilização ordena: cada um por si e o diabo que pegue o último.

A consciência ingênua e massificada supõe que o mundo é assim como é, e que a tarefa do indivíduo é adaptar-se o mais possível a ele. Adaptação virou portanto a palavra de ordem: não mexa comigo que eu não mexo com você, e todos ficamos em paz. Nada de sobressair muito: adaptar-se, ser flexível. Os tempos da contestação estão esquecidos. Nosso mascote é o camaleão; nosso herói Bill Gates. Qualquer esforço teórico exigente, que queira revelar as condições e contradições históricas que engendraram e sustentam tal realidade é afastada como sendo “perda de tempo”, “elucubração teórica”. Segundo Horkheimer: “Para a grande maioria dos dominados prevalece o medo inconsciente de que o pensamento teórico faça aparecer como equivocada e supérflua a acomodação deles à realidade, o que foi conseguido com tanto esforço.”⁴

Mas como não ver o contraditório, a fissura, o rasgão, a tragédia, a tristeza, o fracasso, a injustiça? Ou como esquecer nossos próprios sonhos de mudança, igualdade, reconciliação?

Fácil: enchendo-nos sempre mais com *entretenimento*.

A indústria cultural, que fabrica entretenimento, show, imagens, diversão compulsória, promessas de bem-estar, aí está para nos fazer esquecer da desumanidade e da crueldade do mundo. A mesma sociedade que produz o sofrimento, desenvolve os mecanismos para nos fazer esquecer dele. Afirma Adorno: “Pertence à essência da dominação proibir o reconhecimento dos sofrimentos que ela produz.”⁵

Aconteça o que acontecer, temos que “estar de bem com a vida”, numa boa, curtindo. Naturalmente tudo *light, diet, soft*, fácil de ser digerido, de ser usado, apenas “plug and play”. A imensa parafernália da indústria cultural serve portanto ao *esquecimento*.⁶ Esquecimento do sofrimento e da vontade de agir para que ele termine.

Como as pessoas, além do comer, beber, habitar e andar de carro, têm também necessidades espirituais, a indústria do esquecimento assumiu funções religiosas. Tomou para si funções das religiões tradicionais, readaptou algumas, inventou outras. Por quê? Porque a sociedade produtora de mer-

⁴ *Textos Escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 61; cit. por Fabiano, *op. cit.*, p. 166.

⁵ *Minima Moralia*, p. 68, cit. por Zamora, J. A. *Krise, Kritik, Erinnerung. Ein politisch-theologischer Versuch über das Denken Adornos im Horizont der Krise der Moderne*. Münster: LIT Verlag, 1995, p. 431, nota 299.

⁶ Cf. Zamora, J.A. *op. cit.*, p. 428; Adorno, T. *Dialektik der Aufklärung*, in: *Gesammelte Schriften*, vol. 3. Frankfurt: Suhrkamp, 1981, p. 151.

cadorias coloca sobre os ombros do indivíduo um peso desumano: pressão por produtividade, prazos sempre mais curtos, concorrência, desconfiança de todos, medo de perder o emprego, medo de assalto, medo de seqüestro e de estupro, medo do absurdo, solidão de fato e vazio existencial. Isso tudo o indivíduo, na crise da família, da religião, da escola e de outras mediações coletivas, tem agora que “amarrar” sozinho. Quando esse indivíduo quase soçobra espiritualmente e se arrebenta para não pirar, a sociedade da mercadoria lhe oferece cura, esperança e alívio por R\$ 3,20 o minuto de “ligue djá”, ou lhe empurra Edir Macedo, duendes e loterias goela abaixo. Faturou em cima do cara produzindo seu isolamento e miséria espiritual, e ainda fatura uma segunda vez em cima da “medicina” que deve curá-lo.

Segundo os frankfurtianos, os indivíduos através da indústria cultural passam a ver, sentir e interpretar o mundo no seu verniz, distante das possibilidades de intervenção para transformá-lo. Pois a indústria cultural os faz esquecer, os desconecta massivamente da realidade, também de sua própria realidade, com muito futebol e shopping center, muita mega-sena e loja de bingo, muita Xuxa e doses cavалares de ratos, leões e cobras na tv: o zoológico midiático. Entre outras coisas. Naturalmente tudo muito livre, deixando ao indivíduo total liberdade de opção entre as diferentes versões do mesmo. Ele muda de canal mas não escapa do grotesco.

Ao perceber o mundo na sua superficialidade não histórica, não há mesmo como intervir; se não podemos discriminar como agir, para que agir? Isso só reforça a disposição do indivíduo de adaptar-se a uma ordem determinada, que promete garantir sua sobrevivência. Darwinismo social, que repete a dinâmica do capital: buscar apenas o seu próprio benefício.

Mas o que acontece interiormente com a pessoa? Ela abre mão de sua *autonomia*, do seu desejo de ser *livre*, do seu sonho de *emancipação*. Quando justamente acha que conquistou a plenitude da liberdade e da cidadania: a liberdade permitida de consumir os bens materiais, os ícones e símbolos que a sociedade produtora de mercadorias lhe impinge, é que ela mais se torna fiel e agradecida ao sistema; e mais defende sua parcela de benefícios nele; e menos livre, e portanto menos humana se torna. Violência? Violência simbólica sem dúvida, mas livre e consentida.

Aliás, para que usar força bruta – a não ser quando estritamente “necessário” (vide Clinton) –, se existe a *sedução* para conquistar mentes e corações? Não vive a indústria da publicidade e do consumo dos artificios de *sedução* cada vez mais sofisticados? Naturalmente aqueles que ficaram de fora, os cronicamente desempregados, os indigentes, os que nunca passam do primeiro ano primário, os que não têm “liberdade” e direito de consumir, são todos responsáveis pela própria inépcia, pela própria lentidão em

“realizar as mudanças necessárias”. Se não são de todo culpados, pelo menos que se virem como puderem, porque todos temos já nossos próprios problemas nos quais pensar. (Aí está “São” Roberto Campos, defensor da Bolsa e do capital a exconjurador qualquer ameaça ao “livre” mercado...)

Podemos dizer, portanto, que vivemos num mundo de *coisas vãs*, que quer constantemente nos esconder o tanto de *sofrimento* humano e de sofrimento da natureza que ele exige para poder continuar funcionando. Devemos dizer com todas as letras: a promessa de felicidade deste sistema é *falsa e mentirosa*; ele não humaniza e nem realiza as aspirações profundas do ser humano; ao contrário, recria a *vanidade* (vazio) e a *desumanidade*.

Sobretudo isto, a consciência clara do sofrimento, do nosso próprio e do sofrimento alheio, deve ser logo esquecida: com novas informações, novas imagens e impressões, novas mercadorias e mais diversão e a busca incansável pela última versão de algum aparato “essencial” à sobrevivência. Não dá para parar, temos que ir em frente... Para continuar indo em frente, apesar de tantos custos humanos e da natureza, esta sociedade precisa cultivar diversos tipos de *automatismo*. Uma das modalidades de automatismo é dada pelo dogma do progresso ilimitado da ciência e da tecnologia, que não aceitam limites éticos ou controle externo, a não ser os interesses de quem as financiam. Outra modalidade de automatismo é imposta pelos princípios administrativos, cegos, auto-poiéticos, que têm de ser porque têm de ser: a racionalidade sistêmica. Não posso perguntar para onde vai o sistema, qual o sentido de tudo isto: tenho de azeitar a máquina senão ela me expelle. O sistema está em ordem, o indivíduo é que tem problemas.

O sistema faz as pessoas acreditarem que ele funciona de modo automático: que ele se cria, se readapta, se auto regula, e coloca seus próprios fins. Quem o conduz? Nenhuma classe ou grupo social concreto, mas a famosa “mão invisível” do livre jogo entre “leis” da oferta e da procura. Ora, isso nega qualquer política e ação livre. Os liberais, arautos da liberdade (de vender e comprar), pregam um sistema não-livre, necessário, quase-eterno (veja o Fukuyama), com férrea lógica interna de funcionamento, que dispensaria intervenção humana, sobretudo se for intervenção do Estado. Dessa forma, o mercado capitalista, um produto histórico e humano, passou por cima da história e dos humanos, e tenta vender-se como “entidade” sagrada, intocável, a-histórica. E ainda por cima messiânica, pois promete redimir e satisfazer todos os desejos de homens e mulheres... Para qualquer desejo seu, já existe uma mercadoria disponível.

Além disso, esta sociedade da mercadoria e da especulação e sua cultura das *coisas vãs* não precisa de mim ou de você para funcionar. Ela

cada vez precisa menos de mão-de-obra, de operários, gerentes, bancários. Por isso descarta tanta gente: automação, enxugamento, racionalização, corte de custos. Nos setores de ponta, como no mercado financeiro internacional, bastam algumas pessoas e uma rede de computadores. O ser humano está se tornando dispensável ao funcionamento do sistema.⁷ Não é a característica econômica e cultural mais marcante do capitalismo neste fim de milênio justamente sua capacidade de condenar ao coma vegetativo pessoas, segmentos sociais, regiões, países? Excluir quer dizer duas coisas: que alguns de dentro vão ter de sair e que a multidão lá de fora não vai poder entrar. Já leram entrevistas com desempregados em São Paulo? Vera Pereira, 34, anos, mãe solteira: “Me ofereço para tudo. Estou disposta a fazer *qualquer coisa!*”⁸ É uma questão de acesso: acesso ao emprego, acesso à comida, à educação, à saúde, à informação, à moradia e ao lazer. Também acesso de cólera, mas este infelizmente desordenado, dirigido apenas contra indivíduos, quando não psicopata.

Este é o fruto incubado da cultura do mercado: a bagatização da vida, o nihilismo agressivo, a indiferença desapiedada, o desmonte de qualquer princípio ético. Misérias espirituais de tal ordem que passamos a conviver com os assassinatos mais absurdos, que se sucedem sem razão aparente, como o caso dos alunos da escola americana, os motoboys de São Paulo, o serial killer de Porto Alegre, o enfermeiro-assassino do Rio, e o número crescente de bebês, agredidos e mortos pelos próprios pais.⁹

O que significa educar no mundo das coisas vãs?

Mesmo descontando seu caráter precário e algo unilateral (afinal, o mercado tem algumas vantagens sobre o coletivismo estatista: incentiva a criatividade, favorece a liberdade de escolha, incita à inovação, etc, etc), se o exposto até aqui tem alguma mordência na realidade, seja permitida e tolerada esta pergunta simples, ainda que nada inocente: o que significa *educar*, educar para a paz, educar com acento franciscano num tal contexto social e cultural? Que tipo de Educação queremos oferecer numa sociedade como esta, que visa e busca sobretudo as *coisas vãs*?

Acredito que o projeto pedagógico de uma escola ou universidade franciscana, sem querer de forma alguma inflacionar as reais possibilidades

⁷ Cf. Forrester, V. *O Horror Econômico*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

⁸ Cf. *Folha de São Paulo*, 1a. página, 10/05/99 e 3o. Caderno: “Salário mínimo atrai 50 mil em SP”. A edição de 13/05/99 traz cartas de nove entrevistados entre os 50 mil, muitos deles com diploma de curso superior.

⁹ Cf. *Folha de São Paulo* 10/05/99, 1ª página e *Folha Campinas*, p. 4-1.

de incidência social da escola (todos sabemos que uma universidade não é uma rede de televisão, um partido ou uma multinacional), mas também sem esquecer que as possibilidades existem e têm sua especificidade, este projeto pedagógico precisaria, pelo menos, questionar o modelo imposto, apontar para a desumanidade vigente, esclarecer suas causas, incentivar visões alternativas, educar para o respeito aos direitos humanos e sociais, fomentar o desejo e a utopia por uma sociedade diferente.

Ficamos com certa vergonha e pudor de usar a expressão: formação para a consciência crítica. Talvez pelo tanto de *fôrma* que ela contém. Mas não esconde a expressão uma intuição preciosa, um miolo necessário, do qual uma escola franciscana não deve abdicar tão facilmente? Ora, a *consciência crítica* – num primeiro momento, que é lógico, mas não necessariamente temporal – só pode negar a *negatividade* do que vê e experimenta. Estimular a *consciência crítica* em Educação significa, entre outras coisas, pelo menos isso: pensar e refletir nas promessas não cumpridas, nas contradições, no sofrimento humano que esta ordem de coisas causa continuamente. Implica contribuir para que as pessoas recuperem suas *lembranças*, que desatrofiam sua *espontaneidade* e levem a sério sua *percepção* e suas *emoções*.¹⁰ Pensar e refletir a partir das vítimas ou “escovar a história a contrapelo”, como queria Walter Benjamin. Não apenas para uso privado, mas justamente para suscitar imaginação e formas de ação coletiva contra a negatividade presente no sistema.

São Francisco e os horizontes da modernidade desencantada

Exatamente nessas paragens conflitivas da pósmodernidade periférica podemos topar com Francisco de Assis. Também ele teve de fazer face à negatividade de um sistema sócio-histórico incorporado em costumes, instituições sociais, ritos e pessoas.

Mas como chegar a São Francisco hoje? A primeira grande dificuldade é que dele nos separam camadas grossas de interpretação, domesticação e, sobretudo, de estetização. O São Francisco que a cultura da imagem nos apresenta e tolera é somente aquele dos passarinhos cantando, das fontes borbulhando, do romântico amor pelas flores do campo. Mas Francisco de Assis mesmo quem foi? Com certeza não foi a caricatura em que a projeção dos nossos desejos piedosos o transformou. Na verdade

¹⁰ PUCCI, B. “A teoria da semicultura e suas contribuições para a Teoria Crítica da Educação”, in: Zuin, A. A. S. (Org.) *A Educação Danificada*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 89-113.

o caminho de Francisco custou-lhe a abnegação de uma vida, exigiu-lhe o empenho de todas as energias que possuía.¹¹

São Francisco e nós: é preciso vencer a aparente familiaridade; nós não pertencemos aos seus horizontes e nem temos as mesmas preocupações que foram as suas. Por isso não o temos “no bolso”, domesticado, refém dos nossos esquemas interesseiros.

Precisamos deixar aflorar a tensão de uma incômoda não-familiaridade: *São Francisco não é nosso concidadão*, ele permanece um estranho no ninho. Ele não se deixa instrumentalizar por nosso interesse-de-uso, nosso princípio de utilidade; ele foge da carroça dos projetos administrativos e pastorais aos quais tentamos atrelá-lo; mesmo porque, de tão vigoroso, o empuxe deste “cavalo” pode arrebentar as rodas da carroça. É preciso recato, paciência e capacidade de ouvir nesta tensa aproximação a São Francisco.

A segunda grande dificuldade que encontramos ao tratar de São Francisco é mais existencial, ela se revela não no pensar, mas no querer: precisamos admitir que de fato não queremos as mesmas coisas que ele buscou. Nossa energia e nossa vontade estão dirigidas para outros objetivos. São Francisco o que quis e buscou de todo coração foi seguir pobre os passos de Jesus Cristo. Nisto investiu toda sua vida. Não quis ser rico, não quis ser letrado, não quis ser poderoso: quis viver a vida de pobreza de Jesus e “de sua santíssima mãe”. Já o revela a forma como restituiu ao pai os bens recebidos:

Vendo que não poderia afastá-lo do caminho em que se metera, o pai cuidou apenas de reaver o dinheiro... Diante do bispo (Francisco) já não suportou demoras e nada o deteve... Despiu-se imediatamente, jogou ao chão suas roupas e as devolveu ao pai. Não guardou nenhuma peça de roupa, ficou completamente nu diante de todos. (1Cel 6, 14-15).¹²

“Francisco desnuda-se publicamente de toda uma orientação estabelecida e consagrada como meio seguro de realização humana. Fica nu, sozinho com sua opinião, agarrado a uma esperança, a uma promessa ainda

¹¹ Cf. Moreira, A. S. “São Francisco e a Modernidade”, in: Moreira, A.S. (org.) *Herança Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 339-371.

¹² Todas as citações de São Francisco são tiradas de: *São Francisco de Assis. Escritos e biografias. Crônicas e outros testemunhos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, onde também se esclarecem as abreviações.

¹³ MOREIRA, A. S. São Francisco e os Pós-modernos, in: *Cadernos do IFAN*, n. 18, 1997, p. 35.



Pony 97

São Francisco de Curitiba
Poty 1996

imprecisa e insegura, mas que brotava do fundo de seu ser.¹³ Ora, isso é carga explosiva, uma batata quente nas mãos: Francisco renega publica e radicalmente a promessa de felicidade da emergente burguesia e se apega ao Deus dos desamparados. Ele permanece absolutamente um fora-de-moda, um louco, um *outsider*, um dissidente do feudalismo e do nascente mercantilismo. Francisco de Assis fez seu caminho onde antes não existiam caminhos. Se nós buscamos outras metas, porfiamos outras pelejas, nos entregamos a outras devoções, como vamos encontrá-lo?

Mas talvez uma ponte seja possível, se considerarmos que São Francisco foi alguém que alcançou e harmonizou em si mesmo as camadas mais profundas do ser humano, este mesmo humano que nós, aos tropeços e tateando na opacidade (pós)moderna, buscamos realizar. Também nós engajamos nossas vidas em opções, projetos, lutas e tarefas, inclusive educacionais, esperando nisso tudo sermos alguma vez surpreendidos e colhidos pela doce presença do inefável, bafejados pela suave e gratuita brisa do mistério, que ora se chama amor, justiça e paz, reconciliação e felicidade, Deus. Buscamos em nossos (des)caminhos realizar uma possibilidade de humano que São Francisco à sua maneira realizou de modo radical: a existência cordial, a convivialidade, a cortesia como virtude, a integração da natureza, do humano e do divino; a bondade como modo de ser; a poesia como forma de ver o mundo:

Para os que amam o seu lado natural e ecológico ele é um homem primitivo. Para os que amam a reflexão ele representa o fervor das palavras contra a aridez dos discursos. Para os de sensibilidade estética ele é um jeito novo, um pão caseiro. Para a História e a Mística ele é uma fonte inesgotável, um provocador espiritual e um sempre novo modo de conceber a vida.¹⁴

Deixando ser a diferença e mantendo a tensão da não-familiaridade, podemos perguntar como isto se deu, como afloraram na vida de São Francisco estes traços e esta forma de ser que encanta e surpreende por sua radicalidade e ardor. Algumas situações vividas por Francisco e seus companheiros nos ajudam a repensar e a enfrentar os desafios que nosso próprio horizonte histórico nos coloca:

1) No episódio do Lobo de Gubbio (Fioretti, cap. 21) encontramos traços de uma *pedagogia franciscana no trato com as situações de*

¹⁴ MAZZUCO Filho, V. A Compreensão franciscana do homem, in: *Cadernos do IFAN*, n. 1, 1992, p. 45.

conflito aberto. Um lobo feroz (provavelmente algum tirano) devora vítimas em uma pequena aldeia de Gubbio. Francisco toma partido dos atingidos, vai ao encontro da fera, sabe ler os sinais de perigo, vê além das aparências; por isso intervém, interpela, negocia, garante a paz, o sustento do lobo e a dignidade para ambas as partes.

2) Na passagem dos ladrões do bosque (Esp.Perfec. cap. 66) vemos como a *atitude franciscana é fundamentalmente inclusiva e não-violenta*, no sentido de ir além das divisões sociais e dos preconceitos culturais para resgatar o humano que se perdera: a um temido bando de ladrões que assaltava as pessoas, São Francisco envia seus frades para expressamente convidá-los a vir tomar refeição junto com eles, pedindo aos frades que não apenas lhes oferecessem a melhor comida, como também os tratassem com toda cordialidade e doçura.

3) Nas passagens onde São Francisco escreve sobre o papel dos ministros e de como deve ser o relacionamento entre os irmãos da fraternidade (RNB 4; 5,12-15; 6), transparece o que pode ser entendido como uma *concepção franciscana da autoridade e do uso do poder*: Francisco baseia as relações internas no seu grupo não no poder ou na competência de alguns ou na condição de nobres e letrados de outros, mas numa prática de fraternidade e igualdade, que vem do reconhecimento da origem comum de todos (Deus) e do devotamento de todos à causa comum (o seguimento do Cristo pobre).

4) Por ter ele mesmo buscado apaixonadamente a grandeza e a glória humanas, portanto a vanidade do mundo, São Francisco possui uma fina sensibilidade e agudo *senso crítico* para desmascarar a *lógica do poder e da riqueza* – que ele chama de *século* – e os mecanismos que ela utiliza para perpetuar-se. Ele identifica com argúcia na sociedade medieval os sinais exteriores (ou símbolos) que o sistema utiliza para inculcar-se nas consciências: o uso do dinheiro, a propriedade de castelos e casas, a posse de livros, o uso de cavalos, o aparato da guerra, o emprego de títulos, a linguagem pomposa, as roupas finas e caras. Por isso proíbe, exorta e pede a seus companheiros para não utilizarem essas coisas e assim não se deixarem seduzir pelo aparato simbólico do *século* (RB 3,12; 4,1; RNB 8,2s.; 15).

5) Na parábola sobre a Perfeita Alegria (VerAl, 17ss.; Fioretti, cap. 8) aflora uma maneira de ser não-convencional, uma impressionante *capacidade de suportar a rejeição e a negatividade* da vida sem perder a identidade e a serenidade, sem tornar-se amargo ou apelar para o ódio: Francisco e Frei Leão voltam de Perusa para o conventinho de Santa Maria dos Anjos, sua “casa”. É noite, estão famintos, cansados, sujos de lama e transidos do frio do inverno. Como seria, se fossem insultados, repelidos

como estranhos e afinal perseguidos a cacetadas pelo próprio irmão porteiro? Se em tudo isso continuam a dar graças a Deus, se são capazes de vencer-se a si mesmos e por amor de Cristo a suportar opróbrios e injustiças sem se perturbar e sem arrefecer no amor, aí está a perfeita alegria. A parábola revela como Francisco, no fim de sua vida, com a Ordem já contando milhares de membros, enfrentou a rejeição à sua pessoa e o desvio de seu ideal por parte de muitos frades.

Muitas outras passagens poderiam ser aqui mencionadas. Lembro estas apenas para situarmos melhor São Francisco nos horizontes do seu tempo, de como enfrentou de forma original os desafios que percebeu. Ressalta em tudo uma profunda diferença em relação às expectativas da nossa sociedade da mercadoria e sua cultura do consumo. Tal estranhamento nos permite, todavia, reconhecer o escândalo que ele representa: o profundo questionamento daquilo que os horizontes do nosso tempo consideram como meio seguro de realização e felicidade humanas.

Inspirações franciscanas para uma educação humanizadora

Se é possível falar de alguma inspiração franciscana para a tarefa pedagógica, isto deve ser considerado em relação ao até agora exposto. São Francisco não foi professor, teórico da educação ou reformador social, mas sim um místico e poeta. Assim, mais uma vez, não se trata de deduzir de seus escritos, receitas ou recomendações piedosas. São antes dimensões, atitudes ou temas que ressaltam de sua vida e que, na minha opinião, compõem fundamentalmente o labor de educar numa perspectiva franciscana.¹⁵ Minhas colocações surgem de uma maneira não-sistemática, sem um destinatário específico; não penso tanto em tarefas a serem cumpridas ora pela administração, ora pelos professores ou pelos alunos; penso em uma inspiração para a universidade como um todo complexo e dinâmico. O tom de informalidade e espontaneidade que caracteriza este ensaio me permitem compartilhar com outros educadores algo da minha compreensão e do meu desejo de como poderia e deveria ser uma educação franciscana.

1) Educar para o *cuidado com o Singular*, o Particular (não-massificado, não-esteira de produção, não-onda de consumo). São Francisco não se dedicou ao universal-abstrato, a elaborar grandes sistemas teóricos ou religiosos, mas amava a formiga que via no caminho, gostava

¹⁵ Frei Agostinho S. Piccolo compôs um simpático opúsculo dedicado ao mesmo tema: *Perfil do Educador Franciscano*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.

daquele pássaro que cantava na sua janela, apoiava aquele irmão mais fraco que padecia mais fome do que os demais, cuidava dos leprosos seus amigos; ou seja: amava o universal-concreto, o singular, as singularidades que com- põem com seus trajetos, rostos e histórias diferentes.

- Nós vivemos a ditadura do pensamento único, do pensar em bloco, da impessoalidade e a massificação impostas pelo sistema; mas um pequeno diamante continua valendo mais do que um monte de pedras.

- Cuidado com o singular significa dar atenção às pessoas e suas histórias.

- Educar para o singular significa perceber que a vida da maioria das pessoas não se passa nas Bolsas de Valores, nos palcos da mídia e nem nos macrosistemas econômicos e políticos, impessoais e funcionais, mas acontece nas casas, nas ruas, nos mercados. Nenhum economista, advogado, psicólogo vive ou se encontra consigo mesmo nos gráficos e esquemas que produz, mas vive e se reencontra com os amigos, com a família, com os colegas e conhecidos, numa teia de laços que se refaz a cada dia.

- Educar para o singular significa ajudar as pessoas a valorizar sua vida, seu cotidiano, contra sua bagatelização, imposta pela cultura do extraordinário e do neon; implica levar a sério e comunicar a outrem as experiências pessoais de humanização e de sentido que fazemos no cotidiano. Como pensar algum tipo de *resistência política*, *resistência cultural* ou *solidariedade com causas coletivas* com subjetividades fracas, esquecidas, distraídas, amorfas? Ou, o que dá no mesmo, com subjetividades dogmatizadas, autoprotetidas, fechadas e petrificadas pela indoutrinação, pela busca neurótica de segurança? Fortalecer subjetividades (não o subjetivismo) significa também levar a sério o que as ciências sociais, na esteira da crítica do coletivismo, têm redescoberto: o poder de influência e atuação dos *indivíduos* enquanto atores sociais. Não terá também a educação política de ir por aí?

2) Educar para a *utopia*, o *sonho*, o *desejo de humanização*

- Sem utopias nenhum grupo humano avança e caminha. Mas como vamos recriá-las, se realmente acreditamos na religião deste sistema, de que não é possível ser diferente? Se os nossos gurus são apenas os que “deram certo” e os “vencedores” do mercado? Temos na figura de São Francisco justamente um paradigma de valores e atitudes muito distintas. Não seria necessário apostasiar da religião do mercado e fortalecer outras utopias e visões humanizadoras? O materialismo mercantilista nos prega uma transcendência imperfeita e de má qualidade: somente aquela que medeia entre o desejo de consumo e sua realização. Mas existem desejos, ou melhor, o próprio desejo humano como tal, nunca pode ser totalmente satisfeito,

pois aponta para um transcendente de que ele mesmo não é capaz, que o impulsiona, fascina e sustenta.

- A Educação pode apontar o ser humano para valores nobres da existência, pode ajudá-lo a transcender o pragmatismo imediato do diploma, da carreira, da realização do desejo, do retorno imediato do investimento: ou seja, ajudá-lo a perceber que os horizontes da vida vão muito além da gratificação instantânea imposta pelo mercado. Naturalmente uma tal postura acadêmica terá de superar o próprio academicismo: ela virá de uma esperança que nos anima, de uma espiritualidade interior que nos move, e não por último do compromisso com pessoas e causas concretas. Nosso desafio é sair do isolamento e sonhar com outros “dissidentes” sonhos coletivos, utopias inclusivas, que respeitem também a diferença.

3) Educar para a *sensibilidade*, para a fineza de alma, a cordialidade do espírito.

Como se educa para a sensibilidade? Sensibilidade pela justiça e a solidariedade, mas também para a beleza, para o ritmo e a cor, para as nuances e as modulações do real, para o inefável e transcendente? Não existe um recurso pedagógico que garanta isso. Talvez nos falte, por exemplo, integrar a *arte* como um constitutivo da Educação humana. Depois do golpe de 1964 a arte e as ditas “humanidades” foram afastadas dos currículos.¹⁶ Pois entre outras coisas,

A arte tem esse poder de transmutar o cotidiano em mergulho e elevação ao mais íntimo do ser e do ser-aí, ou seja, do Da-sein, da existência como fenômeno exclusivo do ser humano... A arte é justamente isso: um ato de conhecimento que nos agride com a força e a violência de um impacto, bofetões que nos acordam para a existência... a arte faz o contrário da indústria cultural e de sua fase interna, a semiformação cultural: estas nos adormecem, nos afastam da realidade; aquela nos desperta, nos intensifica a acuidade existencial.¹⁷

- A arte pode desenvolver e cultivar a sensibilidade: nossos alunos reagem muitas vezes como autômatos programados para não sofrer; buscam drogas, bebidas e emoções cada vez mais fortes para preencher uma des-orientação, um vazio existencial criado ou fomentado culturalmente.

¹⁶ Cf. Ramos-de-Oliveira, N. “Reflexões sobre a Educação Danificada”, in: Zuin, A.A.S. (Org.) *A Educação Danificada*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 39; Pucci, B. (org.) *Teoria crítica e educação*. Petrópolis: Vozes/UFSCar, 1995.

¹⁷ Ramos-de-Oliveira, *op. cit.* p. 33.

- É possível organizar atividades extra-classe, visitas bem preparadas a exposições artísticas, a museus, às Bienais da Arte, ou ainda, comentar, valorizar e promover iniciativas que contemplem a poesia, a música, a dança, a pintura, o teatro. Felizmente algumas dessas iniciativas já existem.

- Podemos estar atentos e chamar outros para o cuidado dos jardins, das flores, dos bichos do campus universitário, de forma a desenvolver a atenção e o respeito aos ritos humanos, às madrugadas, ao jogo de luz e sombras que compõe e perfaz a existência. O ser humano não tem fome só de pão e informação, também quer sabor e ritmo, aroma e deleite, fruição e gozo.

4) Educar para a *indignação e a autonomia*

- Estimular os inquietos, os que se importam. Quantos ainda se importam?

- Atentar para a dessincronia, o oblíquo, o contraditório, o que não rima: tem ele o direito de existir, de ser ouvido? O que pode estar querendo nos comunicar?

- Indignação é mais do que emoção passageira, enrubescimento dos ânimos: significa captar e defender o que é *digno*, o que *dignifica* o ser humano, para se opor com coragem (pessoal ou coletivamente) a toda forma de *indignidade* que o insulta e avilta.

- Autonomia, além de assumir responsabilidade por opções e tarefas e levá-las a efeito, significa o longo processo de constituir-se *sujeito* da própria história, de dar-se na vida rumo e sentido. O que sempre inclui diálogo, enfrentamento e encontro com outras subjetividades.

- Autonomia implica também a coragem de estar sozinho com suas próprias opiniões.

- Podemos reforçar as iniciativas dos alunos, mostrar-lhes que muita coisa é possível, e o pouco que é possível deve ser feito, senão ninguém o fará.

- Quebrar o pacto do consenso estabelecido, da mediocridade do pensamento em bloco.

- Cultivar no espírito a convicção de que a vida humana é mais do que amontoar coisas vãs.

5) Educar para a *bondade, a solidariedade e a compaixão*

A herança franciscana dá mais ênfase ao *amor* do que ao *saber*;

Mais ao *espírito* do que ao *intelecto*

Mais à *vontade* do que ao *poder*

Mais à *criação* do que à *repetição*

Mais ao *por-se a caminho* do que à *segurança administrada*.

Pois todo saber está em função de um *desejo*, mas importa saber: qual desejo, desejo do quê?

- O conhecimento desligado de uma vontade de humanização gera apenas um saber sem amor e sem sabor; a prática da ciência por ela mesma ou pelo poder que possibilita, desligada da ética e de sua função social, vai apenas tornar o cientista mais insensível e egoísta e fazer as outras pessoas infelizes.

- Educar para a bondade e a compaixão é algo difícil; exige a disposição de procurar sentir-junto. O Evangelho de Lucas diz do samaritano que ajudou o homem vítima dos salteadores, à beira do caminho de Jerusalém para Jericó, que “revolveram-se-lhe as entranhas” (Lc 10,23). Biblicamente compaixão é isto, deixar que se nos revolvam as entranhas... Essas coisas em geral não se aprendem nos livros. Aliás, muito mais se aprende com as pessoas que enfrentam situações de sofrimento; ou se aprende das próprias experiências de enfrentamento do sofrimento... quando o deixamos ser e refletimos sobre ele.

- Para educar, nossa solidariedade precisa ser criativa, descobrir e inventar caminhos onde eles às vezes não existem. Seria ingênuo pensar na possibilidade de organizar e preparar visitas de alunos de diversos cursos a hospitais, asilos, prisões, manicômios? Não poderíamos pensar em atividades que, além do estudo acadêmico sério, incluíssem também convites e diálogos com pessoas e grupos sociais vítimas de discriminação e preconceito, mas que lutam contra ele, como desempregados, sem-terra, aidéticos, homossexuais, mendigos, prostitutas e outros? Nós mesmos e os alunos, não temos necessidade de compartilhar nossas próprias experiências significativas?

Em tudo isto, também a experiência religiosa, refletida e compartilhada, pode nos dar um impulso fundamental. Estou convencido de que só mesmo a fé profunda de Francisco, vivida como busca e entrega de si mesmo, na fragilidade de quem está aberto e desarmado, e que, ao mesmo tempo, demonstra um grande vigor nos passos que dá, poderia levá-lo tão longe no seu processo de humanização. O divino que Francisco conhece e experimenta não é inimigo ou a negação do humano, mas antes seu sopro de vida e condição de existência. A barbárie e a desumanização foram hoje tão longe, que talvez só Deus possa salvar o humano de si mesmo, das terríveis possibilidades de destruição que criou.

Os que, numa universidade franciscana, partimos de uma referência explícita de fé cristã, precisamos nos perguntar: Nossas reflexões e meditações, orações e cantos, nossas liturgias e celebrações não estarão sendo banalizadas, feitas de qualquer jeito, sucumbindo à pressa? Cedemos à

tentação do triunfalismo? Quando celebramos, celebramos o quê? Quando rezamos, rezamos a quem ou por quem? Invocamos a Deus principalmente para sacramentar projetos de ascensão ou para nos aliviar da angústia de não consegui-la? *A fé* pode, mais do que qualquer outra experiência humana, desenvolver nossa sensibilidade para o totalmente *outro*, o mistério, o não-redutível aos nossos planos, desejos e temores, aquele que rompe todas as categorias fechadas. Mas crer no Deus da vida significa também apostasiar dos deuses que causam a morte e exigem o sacrifício humano, como nos ensinou Hugo Assmann.

Além dos compromissos pedagógicos, sociais e políticos acenados acima, o cultivo de tempos e espaços para meditação e partilha com amigos e colegas, os grupos de leitura espiritual, as formas de celebração que traduzem a vida, podem ser alternativas válidas para nos ajudar a fortalecer o olhar interior e cultivar o devotamento à tarefa de educar.

E para terminar (ou começar), lembremos novamente São Francisco que, depois de uma vida de buscas e agruras, já reconhecido como santo pelo povo, dizia a seus companheiros: “Meus irmãos, comecemos a servir ao Senhor, porque até agora fizemos pouco ou quase nada” (1Cel 6,13).